

Colóquio Internacional: **Élisée Reclus e a** **Geografia do Novo Mundo**

6 a 10 de dezembro de 2011
Laboratório de Geografia Política
Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo
São Paulo – Brasil

A atualidade de Élisée Reclus em sua análise sobre as Cidades

Michele Rostichelli
Departamento de Geografia
Universidade São Paulo

Resumo: Élisée Reclus, em seu capítulo Repartição dos Homens de sua importante obra *El Hombre y la Tierra*, se preocupa em analisar a constituição das Cidades modernas. Apontando fatores negativos e positivos deste fenômeno, justificando que as grandes aglomerações são um fenômeno complexo e, portanto, não podem ser analisadas olhando apenas um de seus lados. Na medida em que descreve as alterações constitutivas do processo de industrialização, como o crescimento das cidades sem qualquer salubridade, justifica que a salubridade de uma cidade não se refere apenas à infraestrutura, mas também à sua espacialidade, à permanência de áreas de mata e árvores, constituindo uma paisagem orgânica, culminando no que chamou de Cidades-Jardim.

Palavras Chave: Industrialização, Camponeses, Cidade, Natureza e Cidade-Jardim.

Abstract: Élisée Reclus in his chapter Men's Sharing, from his important book *El Hombre y La tierra*, worries about analysing the constitution of the modern cities by pointing out negative and positive factors of this phenomenon, justifying that the great agglomerations are a complex phenomenon and, for that reason, can't be analysed by looking just from one of its views. Whereas he describes the constituent changes of the industrialization process, such as the growth of the cities with no salubrity, he justifies that the salubrity of a city doesn't refer just to infrastructure, but also to its capacity, the stay of forest areas and trees, constituting an organic landscape, culminating into what he called Garden Cities.

Keywords: Industrialization, Peasants, City, Nature and Garden City

Introdução

A questão das cidades na atualidade é tema que merece atenção, ainda mais quando a população urbana mundial ultrapassa os 50%, isto é, vive em áreas urbanizadas, segundo a ONU (Organização das Nações Unidas). A característica dessa urbanização nos remete a uma concentração demográfica não imaginada antes. Vimos a constituição de grandes cidades, e depois, metrópoles que ultrapassam os 10 milhões de habitantes, como é o caso da cidade de São Paulo.

Diversas questões em relação às cidades, que se constituíram juntamente ao processo de industrialização, já eram apontadas por geógrafos como Vidal de La Blache e Élisée Reclus (RECLUS, 2010, p. 18). Para o primeiro o fenômeno das cidades modernas era apenas um fato histórico, e Reclus se propõe a investigar a fundo este fenômeno, evitando sempre separar o meio natural do meio transformado, dizia “o homem é a natureza adquirindo consciência de si própria.” (RECLUS, 1905). E enquanto anarquista se preocupava em apontar uma análise mais crítica destes fenômenos. Questões como a expulsão do camponês de suas terras, ida destes às cidades para se suburbanizarem-se, valorização das cidades enquanto símbolo de modernidade, já eram apontadas por Reclus em seus escritos sobre as cidades. Mais de um século e meio se passou e muitas destas questões se ampliaram, modificando-se, como a urbanização enquanto fenômeno mundializado (CARLOS, 2004), trazendo novos questionamentos e novas análises para a Geografia atual.

Reclus já dizia: “a geografia não é algo imutável; ela faz-se, refaz-se todos os dias: cada instante modifica-se pela ação do homem.” (2010, p. 59) Ele deu origem ao que ficou conhecido como Geografia Social, geografia que não pensa isoladamente a paisagem ou a ação do ser humano, pensa, de fato, a relação ser humano – meio, que vai além de descrições de paisagens, pensa o território como um todo, descreve e escreve sobre o meio natural, assim como suas transformações a partir da ação humana, sem determinar a importância de um sobre o outro, em verdade sempre indicou os problemas da industrialização em relação à destruição do meio natural.

A poesia e os sentimentos estão sempre presentes na obra de Élisée Reclus, que ao abordar o fenômeno das cidades na constituição da industrialização, o faz de forma extraordinária, porque não se preocupa apenas em apontar as transformações físicas e sociais trazidas pela industrialização, mas o faz de forma crítica, apontando seus problemas, contradições e propondo também possíveis soluções.

Deste modo, o presente trabalho pretende recuperar a contribuição realizada por Élisée Reclus

sobre a cidade, para que assim possamos avançar nas novas problemáticas e propostas de superação do modo de cidade atual.

Faremos uso principalmente do capítulo 2 da grande obra de Reclus *El Hombre y La Tierra*, chama-se “*Reparto de los Hombres*”. Aqui analisa a questão da cidade, não só na sua constituição, como também a aglomeração, segregação e alternativas para as cidades, como as cidades-jardins. Uma das obras mais importantes deixadas por Elisée Reclus, onde constrói a geografia social, “cobrindo duas categorias: espaço e tempo.” (ANDRADE, 1985, p. 19) São diversos os temas abordados por Reclus como: “a origem do homem, a distribuição das populações, a evolução histórica da humanidade, as formas de Estado e de governo, o problema das etnias, das religiões, das culturas, do trabalho, da colonização, do progresso, da educação etc.” (1985, p. 19) Fazendo-o de maneira a politizar estas questões, assumindo-se como anarquista todo o tempo, quando questiona a validade do Estado enquanto “mediador das relações”, quando questiona a dominação territorial e as fronteiras, etc. Enfim, *O Homem e a Terra* é uma obra sobre a geografia da humanidade e do mundo natural, que perpassa pelas várias ciências humanas, assim como é a geografia dos expropriados, explorados e daqueles que lutaram para transformar sua realidade.

As Cidades: sua constituição e existência em Elisée Reclus

Élisée Reclus foi fortemente influenciado pelas ideias de sua época e assim como Piotr Kropotkin, bebeu da visão positivista de sociedade, e o faz quando coloca o progresso e a civilização como correspondente a liberdade do ser humano, como maneira de liberar-se dos “constrangimentos do meio natural e físico”, mas na mesma medida entende a cidade como elemento artificial e social (2010, p. 18).

A cidade sempre foi parte constitutiva em diferentes sociedades, assim como o campo, porém cada sociedade tinha uma relação cidade-campo diversa. Algumas em que o campo e a cidade eram complementares, tanto porque a cidade também é o *locus* da vida política, do encontro. Porém é na cidade burguesa, segundo conceituação de Murray Bookchin (1974 *Los limites de la ciudad*), que a relação entre cidade e campo entra em desequilíbrio, com a subjugação do segundo pelo primeiro. E é esta cidade que nos propomos a pensar a partir dos elementos que propõe Elisée Reclus.

As cidades modernas cresceram descontroladamente em um curto período de tempo, cresceram sem a saúde necessária para manter a vida de seus habitantes, saúde que para Reclus não é sinônimo de

saneamento, mas do conjunto entre saneamento, participação política direta, preservação da mata etc. De fato, essas cidades levaram à morte muitas pessoas e era espaço de lutas desorganizadas, mas também passou a ser o lugar de reunião dos homens e mulheres e do surgimento de novas obras e revoluções. (RECLUS, 1932, p. 358)

A cidade moderna aparece junto ao processo de industrialização. Para que ele fosse possível na Inglaterra, primeiro país a se industrializar, foi necessário que uma série de fatores ocorresse de modo a se complementarem: uma burguesia organizada, o cercamento das terras comunais e a conseqüente expulsão dos camponeses do campo, a transformação destes em trabalhadores, a concentração de capital, a centralização do local de trabalho, entre outros fatores. Reclus aponta ainda para o desmatamento, o uso que fez a grande indústria do pequeno fiandeiro e dos humildes fabricantes de vilarejo. (2010, p. 34) Ainda assim, o discurso da época era para que os camponeses ficassem no campo, o que para Reclus era uma contradição, já que as ações promovidas pelos grandes proprietários resultavam na obrigatória saída do camponês da terra. Diz ele:

“É uma linguagem risível essa dos proprietários moralistas que aconselham aos camponeses para permanecerem ligados à terra, enquanto, por suas ações, desenraízam o camponês e criam-lhe condições de vida obrigando-o a fugir para a cidade.” (2010, p. 34)

Desta forma, com a diminuição dos recursos para a reprodução da vida, e na medida em que as necessidades aumentavam, a fuga para as cidades se tornou inevitável para os camponeses. (2010, p. 35) Até mesmo porque os senhores não se serviam mais de uma mão de obra permanente, na época da colheita ao invés de se dirigirem aos antigos clientes de suas terras, se dirigiram ao “exército flutuante” (2010, p. 35), cujo qual se tratava de imigrantes que em grande parte não conheciam a língua, os costumes e que desapareciam sem deixar vestígios. (2010, p. 35) Assim, nos faz compreender que um dos principais fatores da saída do campo para as cidades tem a ver com a questão econômica: “a necessidade econômica, aumenta forçosamente a população urbana.” (2010, p. 34)

Apesar de Reclus ressaltar os fatores negativos da cidade, também argumenta que o processo de aumento da população urbana não pode ser analisado pontuando apenas seus fatores negativos, diz que as cidades também são constitutivas de fatores positivos/atrativos, caso contrário as pessoas não se deslocariam para elas. Dentre estes fatores a ideia da vida urbana como sinônimo de modernidade é um dos que contribuem para o deslocamento das pessoas para as cidades (2010, p. 21), assim como serem o lócus da vida política e de desenvolvimento da arte. Por isso que para Reclus a cidade aparece como

fenômeno complexo e, portanto, deve ser analisado a partir dos diversos fatores que a constitui.

Nos é importante ressaltar que Reclus consegue visualizar de maneira clara, os problemas das cidades modernas, muitos problemas, que não são exatamente os mesmos, mas que podem ser apontados como intrínseco ao próprio processo do capitalismo, que traz consigo a ideia de industrialização enquanto sinônimo de modernidade, o capital financeiro que já naquela época via nas cidades modernas urbanizadas, uma maneira mais lucrativa de se reproduzir, até a constituição de uma sociedade urbanizada, com valores não vistos em outra sociedade anteriormente. Usando as palavras de Ana Fani Alessandri Carlos “a sociedade urbana se constitui a partir do processo de generalização do processo de urbanização do mundo” (2004, p. 21)

Ainda assim, Reclus reconhece na cidade um fator de progresso da humanidade, de amplitude da individuação do ser humano e de desenvolvimento da arte; pois é aí onde estão as escolas, os museus, as bibliotecas, que aparecem como lugares em que as pessoas buscam oportunidades, buscam pensar e aprender. Mas, como já dito, dá maior atenção aos fatores negativos, geradores da desigualdade social e da segregação econômica das pessoas quando argumenta que os camponeses se veem obrigados a irem para as cidades e ficam abandonados.

“Pero sin ocuparnos de los atrevidos innovadores que se dirigen voluntariamente hacia tal o cual Babilonia moderna, han de tenerse en cuenta los innumerables que son conducidos hacia los centros de población, quedando allí como aluviones que arrastrara la corriente para abandonarlos sobre las playas: los campesinos despojados jurídicamente de su tierra por la conveniencia de algún gran propietario o por el capricho de señor que transforma sus campos en terrenos de pasto o de casa; los domésticos rurales que la gente de la ciudad atrae a su rededor; las nodrizas que reemplazan a las madres; los obreros, soldados, empleados y funcionarios a quienes se asienta una vivienda en la gran ciudad y, en general, todos los que, obedeciendo a unos amos o al amo más imperioso, la necesidad económica aumentan forzosamente la población urbana.” (1932 , p. 359)

É por isso que Élisée Reclus argumenta que a constituição dessas cidades é um processo complexo. Quando pensamos as cidades atuais, ou melhor, as metrópoles, vemos que elas concentram não só o capital, mas as artes, empregos, e as periferias aparecem como cidades dormitório. Como já acontecia naquele momento em que Reclus aponta que vinda dos camponeses para as cidades e a elevação dos aluguéis faz com que os trabalhadores fixem residência nas periferias, confluindo diretamente com os interesses dos industriais, pois encontram uma possibilidade de baixar o preço da

mão de obra, porque quanto menor o preço do aluguel e dos alimentos, menos os grandes industriais pagam pelo trabalho do operário. Reclus dizia que muitos trabalhadores moravam a 50 km de seu trabalho, tendo que percorrer longas distâncias.

A cidade que se constitui ao mesmo tempo em que a industrialização é uma cidade urbanizada, onde novos valores são gerados, em que a vida no campo é desvalorizada, e com isso, cada vez mais ocorre um maior desligamento dos filhos com a terra, levando o filho, quando seus pais morrem, a vender as terras a um grande proprietário, mesmo que seja por um preço muito pequeno. Esse processo é indicado por Reclus, assim como podemos encontrar na atualidade agrária brasileira: os mais velhos ficam na terra, enquanto os mais jovens vão para a cidade “tentar a vida”, e aqueles e aquelas que conseguem ter uma terra, quando fica na mão de seus filhos já cidadãos, vendem ou arrendam para uma grande indústria de papel, como pudemos ouvir relatos em campo.

O domínio da técnica tem uma relevante importância, para Reclus, na criação e ocupação de novas cidades. A eletricidade, portos etc, vão aumentando os índices de crescimento das cidades, essas dominam melhor as técnicas tendem a crescer. Ainda sim, estas cidades-capitais que eram idealizadas e construídas por algum César, na época de Reclus (e em nossa também) são obras de grandes capitalistas ou especuladores e presidentes de sindicatos financeiros. (2010, p. 59) Desta maneira, este grande geógrafo colocava em evidência tanto o capital financeiro como a especulação, geradora da desigualdade, da expulsão dos pobres ex-camponeses e operários das regiões centrais das cidades para as periferias com os projetos de embelezamento dos centros das cidades, que estão além das reformas para a salubridade da cidade. Tanto porque o Estado, não tem interesse em constituir uma cidade salubre para seus habitantes, o faz quando tem algum interesse, ou quando as classes altas são afetadas. “É verdade que as cidades, assim como os Estados, têm governantes incitados por seu próprio meio a ocupar-se sobretudo de seus interesses privados.” (2010, p. 65)

Ainda sim, estes especuladores constroem os loteamentos de acordo com seus interesses, que nem sequer tem qualquer relação com a região que se está especulando, reservando os “melhores contos” para o comércio. “Uma bárbara especulação enfeia também as ruas por meio de seus loteamentos de terrenos, nos quais os empreendedores constroem vastos bairros, ordenados de antemão por arquitetos que nem sequer visitaram os locais, e menos ainda se deram ao trabalho de interrogar os futuros habitantes.” (2010, p. 64) Assim como as indústrias são razão dessa feiura: “Otra de las causas de la fealdad de las ciudades modernas es la invasión de las grandes industrias. [...] La tierra tiembla bajo los gemidos de la maquinaria y el peso de carros, carretas y trenes de mercancías.” (1895)

Em seu tempo, Reclus parece colocar como sinônimo o desenvolvimento da cidade com a ideia de urbanização, apesar disso fica evidente sua crítica em relação à constituição dessas cidades aglomeradas na industrialização, pois estas cidades se constituem em oposição ao meio natural, já que a dominação do meio natural pela técnica vai além do controle, ele o elimina. Deste modo, acaba-se com a mata, com as árvores, com o meio natural; as paisagens mais belas são desonradas, destruídas quando ocupadas e transformadas pelos transportes, canais, lixo etc.(2010, p. 63), tornando-se uma cidade cinza.

Discorre Reclus

“¡Como recordar sin horror y repugnancia una aglomeración minera como aquella interminable y sinuosa Scranton, cuyos setenta mil habitantes no tienen siquiera una hectárea de hierba sucia ni de follaje ennegrecido para consolar los ojos entristecidos por todas las fealdades de la fabrica!” (1932 , pg. 386)

E ainda questiona

“Considerándolo bien, toda cuestión de utilidad se confunde con la misma cuestión social. ¿Llegarán todos los hombres sin excepción a respirar el aire en cantidad suficiente, a gozar plenamente de la luz del sol, a disfrutar la belleza de la frondosidad de los árboles y del perfume de las flores, a alimentar suficientemente su familia libre del temor de que le falte el pan? (1932 , p. 394)

A contradição entre Capital e Trabalho já era apontada por Reclus, pois diz que o Capital vai moldando a cidade, e mais ainda, a sociedade, de acordo com seus interesses e não de acordo com os interesses e as necessidades de todas as pessoas. E que, para mudar isso, é importante que se mude os valores na sociedade que reflita num novo modo de habitar. “Cuando los hombres modifican su ideal de vida, necesariamente han de cambiar en función de él esa realidad más amplia que constituye el lugar donde habitan. La ciudad refleja el espíritu de la sociedad que la crea.” (1895)

Para Reclus as cidades teriam que transformar-se, convertendo-se em corpos orgânicos e belos, e seriam lugares onde “la hostilidad o exclusividad que les da el espíritu de la propiedad individual a las viviendas desaparecerá, y los jardines no se ocultarán más detrás de inhóspitos muros” (1895); estas cidades modernas estão longe de uma estética e salubridade, esta que diz respeito não só a pensar a cidade fisicamente de outro modo, mas também onde possam coexistir o meio natural e a parte dele transformada, e onde possa haver a participação direta dos habitantes das cidades nas decisões por ela

propostas. Assim dizia: “As cidades só poderão alcançar seu ideal quando considerar os prazeres e necessidades de todos.” (2010, p. 73) À isso tenta responder as cidades-jardim.

A ideia de cidade-jardim consistia na coexistência, como já dito, do meio natural e do meio cultural, além de propor a retomada do centro da cidade como local da vida política.

“El desarrollo normal de las grandes ciudades de acuerdo con nuestro ideal moderno consiste pues, en combinar las ventajas del campo y la ciudad – el aire, el paisaje y la deliciosa soledad del primero, unidos a las facilidades de transporte y los servicios subterráneos de gas, luz y agua que ofrece la otra. La que antes fue la parte más poblada de la ciudad es ahora precisamente la más deshabitada, porque se ha convertido en propiedad colectiva, o al menos, en un centro público de vida intermitente. Demasiado útil para el conjunto de ciudadanos como para ser monopolizado por familias privadas, el centro de la ciudad se convierte en patrimonio de todos.” (1895)

A cidade-jardim, como possa se pensar hoje, não tinha como fim a propagação de parques, sejam abertos ou fechados, praças, ruas arborizadas, etc., por si só. Reclus entendia que uma sociedade saudável era aquela unia as vantagens do campo e a da cidade, como também, uma que não estivesse subjugada por interesses de especulares, industriais ou grandes proprietários de terras. Uma sociedade que ao abarcar os interesses e necessidades de todos, também exigia que o todo agisse sobre os problemas por eles vivido, sem a necessidade de um Estado regulador para fazê-lo.

Considerações Finais

Quando escreveu *O Homem e a Terra*, Reclus vivia num contexto bem diferente, as cidades não haviam atingido a sua forma atual, com a quantidade de habitantes que vemos hoje. Cidades, ou melhor, metrópoles que ultrapassaram os milhões de habitantes, uma urbanização que se expande cada vez mais sem escrúpulos, com investimento direto do capital financeiro. Deste modo, ficava quase impossível para Reclus vislumbrar os impactos causados pela cidade moderna, isto é, pela urbanização. Atualmente não vivemos a questão urbana, mas sim, o problema urbano, porque a urbanização se converteu num problema, isso ocorre a partir do século XX com a generalização da produção e do consumo.

O “progresso da urbanização” gerou uma sociedade com outros valores, aquilo que autores

como Ana Fani Alessandri Carlos, chama de sociedade urbana; é uma sociedade que pensa a urbanização e vive a urbanização.

Tanto Reclus, como outros autores como Henry Lefebvre e Murray Bookchin já diziam que a tendência do ser humano não é o isolamento e, portanto, sempre está se sociabilizando. Mesmo quando procuramos na história das sociedades, muitas delas têm seu lugar de encontro, seja para participar da vida política, seja para trocar/comprar os meios de vida. A cidade era vista como o local da vida política, ou melhor, da vida pública. Por isso é necessário compreender de que falamos, apoiada nos autores supra citados, de uma outra cidade, não esta que encontra seu sinônimo na urbanização. A cidade que surgiu com a industrialização tinha como referência a urbanização enquanto significado de modernidade e desenvolvimento.

Esta cidade também efetivou o espaço como mercadoria, passível da especulação e aquisição mediante compra, onde os melhores locais estavam e ainda hoje estão reservados àqueles que têm dinheiro, e os “piores” (isto é, os sem infraestrutura, os mais longe dos centros) eram e são destinados às classes exploradas e expropriadas, isso até a expansão da urbanização e sua posterior revitalização. Onde Reclus já apontava para uma desigualdade espacial que é ponto integrante da desigualdade social, que se aprofunda com a industrialização.

Estas cidades aglomeradas, não engendraram necessariamente uma sociedade mais coesa, pelo contrário, gerou cidades que aprofundaram a desigualdade social, segregando os pobres e explorando essa mesma pobreza.

Os novos valores sociais decorrentes da urbanização produziu o que Ana Fani Alessandri Carlos chama de sociedade urbanizada, em que urbano aparece na reprodução da vida.

Na medida em que as grandes cidades concentram, elas isolam. A sociedade urbanizada produziu, em grande medida, a quebra dos valores comunitários e de vizinhança. Onde antes o ser humano se identificava, agora aparece como algo desconhecido, seja em meio ao lugar ou em meio as pessoas. Esses valores são modelos culturais e de comportamento invadidos pela mercadoria. A relação cotidiana entre as pessoas, sendo substituídas por relações institucionais e profissionais, na medida que privatiza o espaço de encontro, privatiza a vida.

Ainda sim, mesmo Reclus vivendo num mundo que, até sua morte em 1905, era essencialmente rural, não deixou de vislumbrar e apontar os problemas da constituição dessas cidades. Seu pensamento era revolucionário porque politizava as transformações espaciais e sociais da época, não colocando-as como parte do desenvolvimento da história humana.

Apontou consequências que encontramos ainda na atualidade, contribuindo de maneira importantíssima para a análise das cidades e as questões e problemas existentes no modelo de cidades atuais, como a relevante importância da ação do capital financeiro em relação a especulação imobiliária, isto é, na transformação do espaço enquanto mercadoria que gera lucro.

Serviu também de referência a outros pensadores e geógrafos na construção de uma geografia, ainda que ciência, mas crítica e militante, que pensava o desenvolvimento intelectual não separado da prática. Sua geografia é de alguém que pertencia às classes subalternas e dirigia sua obra a elas mesmas. Ainda que influenciado pelas ideias positivistas de progresso, nunca deixou de valorar a importância dos conhecimentos tradicionais dos camponeses, pois eram eles os que conheciam, pela experiência formas de reempregar de maneira racional o uso das águas, dos detritos orgânicos e os esgotos, processando-os dentro de seu próprio sistema.

Propôs as cidades-jardim, pois via que era impossível uma vida saudável numa cidade doente, entendendo a saúde não só como acesso ao saneamento básico, mas à existência do meio natural junto à cidade, como parte de um todo, isto é, orgânico.

A partir de seu pensamento e crítica, podemos retomar a discussão de que outro tipo de cidade é preciso, indo além, outro tipo de sociedade é preciso, para que outro tipo de cidade se realize em sua plenitude, como disse Reclus, a cidade reflete as necessidades da sociedade que a criou. Portanto necessitamos questionar os limites da urbanização, e mais que isso, construir outro tipo de cidade, que não esteja pautada pelos interesses de um setor privilegiado da sociedade, mas que inclua as necessidades e interesses de todos.

Referencias Bibliográficas

ANDRADE, Manuel C.(Org.) *Élisée Reclus*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CARLOS, Ana Fani A. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Editoria Contexto, 2004.

RECLUS, Élisée. *La evolución de las ciudades*, in *Contemporary Review* 67. Jan/June 1895. p. 246. Disponível em <<http://habitat.aq.upm.es/boletin/n45/aerec.es.html>> Acesso em 15/11/2011.

RECLUS, Élisée. *Renovação de uma Cidade, Repartição dos Homens*. São Paulo: Editora Imaginário, 2010.

RECLUS, Élisée. *Reparto de los Hombres. El Hombre y la Tierra*. Libro V: Historia Moderna Historia Contemporánea. Barcelona: Casa Editorial Maucci, 1932.